

## PERIFERIAS, O COMUM E A FINITUDE DA SUBSUNÇÃO CAPITALISTA NO ENSINO SUPERIOR: UMA RESPOSTA A NARITA

## PERIPHERIES, THE COMMON AND THE FINITUDE OF CAPITALIST SUBSUMPTION IN HIGHER EDUCATION: A REPLY TO NARITA

Krystian Szadkowski\*

**RESUMO:** Neste texto, o autor oferece uma resposta à resenha de Felipe Ziotti Narita a respeito do livro *Capital in Higher Education* (Palgrave Macmillan, 2023). A partir de uma análise crítica do ensino superior, o trabalho aborda temas como marxismo, trabalho, subsunção, periferias, conhecimento e o comum.

**Palavras-chave:** Capital; Ensino superior; Conhecimento; Comum; Periferias.

**ABSTRACT:** In this paper, the author offers a reply to the review published by Felipe Ziotti Narita on the book *Capital in Higher Education* (Palgrave Macmillan, 2023). With a critical analysis of higher education, the paper discusses themes like Marxism, labour, subsumption, peripheries, knowledge and the common.

**Keywords:** Capital; Higher education; Knowledge; Common; Peripheries.

Sou imensamente grato a Felipe Ziotti Narita (2023) por sua discussão e revisão perspicaz de meu livro (SZADKOWSKI, 2023). Acima de tudo, sou grato pelo necessário deslocamento da discussão para o campo do concreto e da realidade da ciência e do ensino superior na América Latina. Eu mesmo, oriundo de e produzindo em um sistema polonês localizado na periferia dos sistemas acadêmicos centrais, apesar de sua inclusão formal nos circuitos de produção de conhecimento da União Europeia, tenho plena consciência da necessidade de traduzir as categorias e os insights teóricos de *Capital in Higher Education*

---

\* Doutorado em Filosofia pela Universidade Adam Mickiewicz (Polônia). Pesquisador do Scholarly Communication Research Group da Universidade Adam Mickiewicz. Foi pesquisador visitante no University College London (Inglaterra), Universidade de Aarhus (Dinamarca), Universidade de Oxford (Inglaterra) e Education International (Bélgica). Contato: krysszad@amu.edu.pl

para a realidade cotidiana da produção acadêmica em sistemas (semi)periféricos.

O privilégio epistemológico de olhar para os processos de desenvolvimento do capitalismo no centro a partir das periferias, desde a época de Karl Marx e Rosa Luxemburgo, permite uma visão sempre vez mais detalhada (SOWA, 2013). Não são apenas os processos de desenvolvimento do capital, a partir dessa posição, que são vistos em sua forma mais abrangente e nua. A posição permite ver a presença espectral de experimentos passados com alternativas viáveis ao capitalismo (Europa Oriental pós-socialista), suas continuações em andamento (países socialistas da América Latina) ou as configurações concretas contemporâneas, embora diferentes, da organização das relações sociais baseadas no comum (comunidades indígenas latino-americanas), possibilitando uma crítica do capital com absoluta firmeza e esperança real de que outro mundo seja possível. Pois nossa tarefa, e esse pensamento me guiou ao escrever o livro, não é tanto enquadrar o desenvolvimento capitalista (seja na educação superior ou na economia e na sociedade em geral) como algo abrangente e avassalador, mas sim como algo com um início histórico e, portanto, um fim potencial.

## **DE CAPITAL E ENSINO SUPERIOR PARA CAPITAL NO ENSINO SUPERIOR**

A ciência moderna e a educação superior estão integradas à produção e à circulação do capital de várias maneiras. Por um lado, já em seus primeiros trabalhos, Friedrich Engels enfatizou que o capital tende a tratar o conhecimento humano e a inovação como uma dádiva da natureza, um recurso gratuito que pode ser livremente apreendido e usado para o avanço de seu movimento de autovalorização. A maioria dos inventores do século XVIII identificados por Engels, cujas realizações foram absorvidas pelo capitalismo industrial em expansão, operava fora dos sistemas institucionalizados de ciência e educação superior. Eles eram praticantes, inovadores de base ou estudiosos aristocráticos integrados a um sistema de sociedades científicas autônomas. No entanto, sua capacidade de oferecer inovação logo se mostrou insuficiente para o capital. O

desenvolvimento dinâmico da instituição de ensino superior do século XIX na Grã-Bretanha (*red brick universities*) estava ligado a essas necessidades crescentes do capitalismo industrial. Isso foi acompanhado por processos paralelos na Bélgica ou na Holanda (JACOB, 2014). Ao mesmo tempo, na Alemanha, a indústria química estava desenvolvendo seus próprios laboratórios, realizando, sob o controle do capital e sob sua ordem direta, inovações tecnológicas que revolucionavam a produção (GORZ, 2010). Marx escreveu sobre iniciativas semelhantes em *Resultados do processo de produção direta*, apontando para a possibilidade de trabalho produtivo científico empregado em institutos privados. Como Margaret C. Jacob (2014) argumentou em seu livro, o capitalismo industrial do século XIX já era, à sua maneira, uma “economia do conhecimento”. Entretanto, a relação do capital com as fontes de conhecimento e inovação mudou historicamente. Nessa história, tivemos momentos de inovação sob total controle capitalista, como os dias de glória dos Bell Labs dos EUA (GEORGESCU, 2022). Recentemente, entretanto, o capital voltou à antiga posição confortável descrita por Engels. Ele se transformou novamente em um parasita que aparece no final do processo - capturando os efeitos da produção de conhecimento vivo (MAZZUCATO, 2013; ROGGERO, 2011).

A segunda forma pela qual o capital se beneficia do desenvolvimento dinâmico da ciência e do ensino superior é a produção em massa de uma força de trabalho instruída e flexível. Como Paolo Virno (2003) apontou, na expansão do acesso ao ensino superior, em vez da realização das promessas emancipatórias dos movimentos sociais, há uma tendência que ecoa para estabelecer o comunismo do capital - para virar do avesso as demandas emancipatórias, para oferecer, em vez de capacitação baseada na educação, uma precariedade aguda. As universidades se tornaram pontos nodais nos fluxos de trabalhadores precários que buscam mais do que habilidades ou conhecimento, ou seja, buscam apenas a certificação das habilidades flexíveis de seus intelectos. As universidades em todo o mundo, inclusive nos países periféricos, desempenham um papel vital na produção de subjetividade, preparando os indivíduos para a disciplina nos locais de trabalho capitalistas (CLEAVER, 2006).

Vistos dessa perspectiva, o ensino superior e a ciência estruturados de forma capitalista já foram objeto de inúmeros estudos e críticas. Autores e colaboradores analisaram como, sob a influência das demandas do capital - tratadas como uma realidade externa ao setor -, a função do ensino superior e da ciência a seu serviço está mudando.

Em *Capital in Higher Education*, entretanto, eu queria revelar algumas especificidades raramente analisadas. Ou seja, queria responder à pergunta: o que significa o fato de a ciência e a educação superior serem, elas próprias, um setor capitalista de produção? Ou seja, o que significa que o trabalho no(s) sistema(s) de ciência e educação superior, e não em instituições individuais, está subordinado ao capital? Qual é a especificidade dessa subsunção? Quais são as condições do capital para criação e, assim, poder subsumir efetivamente o trabalho acadêmico, independentemente do tipo de propriedade do setor (pública ou privada)?

O problema assim delineado gera inúmeras contradições, que tentei abordar no livro e para as quais tentei fornecer algumas ferramentas a fim de facilitar a reflexão sobre os termos dessa subsunção. Desenvolvi minha argumentação contra duas formas de enquadrar as relações capitalistas no setor. Por um lado, contra a corrente denominada excepcionalismo na pesquisa do ensino superior. Ou seja, um enquadramento que enfatiza a singularidade da articulação das relações sociais na ciência e no ensino superior, o que torna esse sistema significativamente resistente às transformações diretamente capitalistas. Por outro lado, escrevi contra abordagens classicamente marxistas que obscurecem completamente a especificidade do setor, vendo-o como apenas mais uma área sobre a qual a lei do valor se estende inalterada. Partindo dessa perspectiva, tentei mostrar quais condições históricas da organização do próprio setor o capital encontra *on the ground*, como ele se adapta a elas e, no movimento seguinte, como as transforma, levando a resultados às vezes não óbvios.

Ao mesmo tempo, como Narita (2023) também aponta com razão, uma característica integral da crítica de Marx à economia política, conforme aplicada às análises do ensino superior e da ciência em meu livro, é a referência

constante não apenas a momentos da produção capitalista, mas também a movimentos contra ela e ao que está além dela (SZADKOWSKI; KRZESKI, 2019; SZADKOWSKI; KRZESKI, 2022). É esse último momento de embasamento ontológico-político fundamental que permite evitar muitas das armadilhas da reflexão sobre as relações capitalistas - como quase não alternativas e capazes apenas de entrar em colapso sob o peso de suas próprias contradições (NEARY, 2019). Portanto, não é apenas a perspectiva de Antonio Negri, em cuja filosofia encontramos a articulação mais completa das dimensões antagônicas do comum que me é cara (NEGRI, 2023), mas também - talvez de forma um tanto paradoxal - a posição de György Lukács (1978).

Os principais pilares de minha proposta já foram bem discutidos na resenha de Narita (2023). Não faria muito sentido repeti-los, e posso remeter os leitores interessados ao próprio livro. Em minha resposta, gostaria de levantar um ponto que a leitura de Narita impõe à minha perspectiva, que foi difícil de abordar em uma monografia já longa demais, e tentar elaborar os problemas que ele coloca no final da resenha (que considero definitivamente dignos de serem desenvolvidos em agendas de pesquisa separadas).

## **PERIFERIA ACADÊMICA VERSUS CAPITAL**

Na América Latina, ao longo dos anos, foram desenvolvidos com sucesso brilhantes programas de pesquisa que abordam a questão da globalização dos circuitos de publicação e dos sistemas de conhecimento acadêmico e suas consequências para a divisão entre centros e periferias da produção de conhecimento (BEIGEL, 2014; VESSURI et al. 2014; MEDINA, 2013). Uma referência importante para essa reflexão é a problematização do desenvolvimento de uma infraestrutura de medição que decorre das ações de Eugene Garfield, seu Instituto e o índice desenvolvido por ele (*Journal Citation Report*), bem como os problemas de inclusão de conteúdo não central que levam à marginalização do conhecimento produzido em sistemas periféricos. Esse processo é visto no contexto da crescente mercantilização do ensino superior, da proliferação da concorrência e da mensurabilidade dos resultados publicados

até a questão dos rankings universitários globais que unem tudo isso. Entretanto, esses problemas raramente são colocados no contexto de sua natureza *estritamente* capitalista e a questão de como o capital global está envolvido no desencadeamento e na aceleração desses processos não é abordada.

Já há uma década, Fernanda Beigel apontou que os fundamentos do “Sistema Científico Mundial” já haviam sido explorados há muito tempo. A deficiência dessa pesquisa, no entanto, parecia ser um foco excessivo em questões não cognitivas: análise das desigualdades materiais de troca e uma apresentação unilateral da periferia como uma área completamente dominada pelo centro (ALATAS, 2003; SCHOTT, 1998). Embora o foco de muitas perspectivas latino-americanas atuais seja em centros autônomos de produção de conhecimento, teorias e métodos que não conseguem se articular dentro dos mecanismos contemporâneos de exibição de conhecimento (Web of Science, Scopus) e valorização (periódicos com IF ou SNIP), essa reflexão não chega ao nível de analisar a interdependência entre a ciência estruturada de modo capitalista e os sistemas de ensino superior do centro e da periferia que sustentam essa relação.

*Capital in Higher Education* abre a possibilidade de analisar a dinâmica da produção capitalista sobrepondo-se às práticas de valorização do conhecimento inerentes ao campo acadêmico, sobretudo os mecanismos de distribuição de prestígio, status e visibilidade que são mediados pelo sistema capitalista de medição. A autonomia dos produtores de conhecimento é capturada no livro não apenas como autonomia epistêmica no campo acadêmico, mas também como autonomia produtiva - o que sugere a necessidade de se pensar na subversão do modo de produção capitalista em geral, se pensarmos em liberar a capacidade de produção autônoma de conhecimento na periferia. Sem inscrever o trabalho acadêmico na totalidade das relações de produção nas sociedades e economias capitalistas contemporâneas, não só é difícil encontrar aliados para a luta política pela emancipação, mas, acima de tudo, é difícil entender o adversário dinâmico que enfrentamos nessa luta desigual. Em outras palavras, para abordar adequadamente o problema dos centros e das periferias na produção de conhecimento, devemos não apenas nos concentrar nas

desigualdades geradas pelos mecanismos dominantes de medição, mas também ver os atores capitalistas específicos por trás de seu desenvolvimento. Embora essa seja uma tarefa que ainda esteja esperando para ser desenvolvida, acho que o livro conseguiu fornecer algumas ferramentas para colocar esse problema de forma adequada.

## **A SEPARAÇÃO CAPITALISTA ENTRE PESQUISA E ENSINO**

Colocados no centro dos processos de consolidação da dominação capitalista no campo do ensino superior global, os aparelhos de medição (medidas, índices, procedimentos nacionais de avaliação de pesquisadores ou rankings universitários globais) contribuem para consolidar as diferenças entre o centro e a periferia do mundo acadêmico. Entretanto, um efeito importante de seu funcionamento é o aprofundamento de outra divisão: entre educação e ensino. O capital valoriza, sobretudo, o que é capaz de medir e controlar. No cenário global da ciência e do ensino superior, entretanto, é difícil contar com mecanismos universalmente aceitáveis para medir e sincronizar o trabalho acadêmico educacional, como demonstraram os fracassos do projeto AHELO liderado pela OECD. Assim, estando no centro de qualquer empreendimento acadêmico, o processo de ensino é paradoxalmente desvalorizado.

Isso é acompanhado por dois processos paralelos relacionados à transformação capitalista dessa esfera. Por um lado, há a precarização progressiva do trabalho docente: sejam os funcionários sobrecarregados de ensino das universidades britânicas que atendem a fluxos de estudantes estrangeiros (IVANCHEVA; GARVEY, 2022; COURTOIS; O'KEEFE, 2015) ou os professores de táxi no Chile que remendam seus orçamentos com trabalhos eventuais (SIMBÜRGER; NEARY, 2016). A mão-de-obra docente desvalorizada pode receber menos e ser empregada em condições piores – tanto no centro quanto na periferia.

Por outro lado, como Narita (2023) corretamente aponta em sua análise, há um processo de reorganização capitalista da forma de educação em si, sua mediação progressiva, plataformização e automação parcial graças, em

particular, ao desenvolvimento da inteligência artificial (PRESTON, 2022). Tudo isso tem sérias implicações para o trabalho acadêmico e, ao mesmo tempo, é uma área de desenvolvimento lucrativo para o capital financeiro (WILLIAMSON; KOMLJENOVIC, 2023).

Uma das tecnologias capitalistas mais antigas é a separação e a especialização. O capital se alimenta da divisão do todo social em átomos individuais e depois se torna o mediador necessário entre essas partes. Alguns se referem a esse processo como desagregação capitalista (MCCOWAN, 2017; IVANCHEVA; GARVEY, 2022). A presença do capital no setor tem o efeito de quebrar os diferentes elementos da realidade da educação em pequenos fragmentos. Divididos, eles se prestam mais facilmente ao escrutínio e à medição. Nesse contexto, podemos esperar mais inovações capitalistas em tecnologia para medir e mercantilizar os processos da didática. Sua fragmentação tecnológica, automação e mediação proporcionam um contexto apropriado para isso.

## **DIMENSÕES DA SUBSUNÇÃO IDEAL**

Narita (2023) sugere, com razão, que seria útil examinar tanto a proliferação de critérios gerenciais na administração universitária quanto os critérios para alinhar os processos educacionais e os currículos com as necessidades do mercado de trabalho. Embora a última área seja um tema clássico da reflexão marxista (GINTIS; BOWLES, 1976), *Capital in Higher Education* permite que uma nova luz seja lançada sobre a primeira.

Um problema comum dos estudos universitários críticos que problematizam a expansão do gerencialismo nas universidades públicas é depreender desse fato a conclusão de que as universidades públicas se tornaram fábricas capitalistas. Esse é um tratamento tão antigo quanto *The Mind of Clark Kerr*, do trotskista Hal Drapper, que retrata o homônimo Clark Kerr, presidente da Universidade da Califórnia na década de 1960, como um “capitão burocrata” sob cuja liderança a universidade passa por uma industrialização forçada. Essas e outras abordagens semelhantes obscurecem a especificidade



da subsunção capitalista do trabalho acadêmico, apresentando relações e discursos que meramente impõem um conjunto de imaginários capitalistas sobre ele, em vez de subordiná-lo diretamente aos processos de produção de mais-valor.

Marx aborda a questão da imaginação no terceiro volume de *Das Kapital*, escrevendo: “em um sistema social em que prevalece a produção capitalista, até mesmo o produtor não capitalista se encontra no poder da imaginação capitalista” (MARX, 1981). Esse é essencialmente um insight fundamental de Marx, que, em minha leitura, está ligado à sua noção de subsunção ideal do trabalho ao capital. A esfera do ideal é, em outras palavras, a ordem imaginária que influencia os atores em uma sociedade com relações de produção capitalistas, independentemente de estarem de fato orientados para a produção de mais-valor e a valorização do capital. É assim que podemos olhar para as instituições públicas de ensino superior, que organizam suas relações internas de trabalho de acordo com os determinantes de seu ambiente capitalista. Esses processos, no entanto, são funcionais para a subsunção real do trabalho acadêmico ao capital e, na maioria das vezes, são seus precursores.

## **PODEMOS CONTINUAR FALANDO SOBRE NOVAS ENCLOSURES?**

*Capital in Higher Education* deve um de seus princípios orientadores ao trabalho de Gigi Roggero (2011), que apontou que o capital é capaz de ceder em questões de propriedade privada, desde que seja capaz de manter o controle. No livro, mostrei quais elementos (controle da distribuição de prestígio e as medidas baseadas nele) são necessários para manter a dominação sobre o campo de produção acadêmica e, ao mesmo tempo, difundir uma forma aberta de acesso ao conhecimento. Apesar da disseminação gradual do acesso aberto ao conhecimento na ciência, as formas pelas quais o conhecimento é processado – com a crescente importância da inteligência artificial – estão se tornando cada vez mais importantes. Empresas globais como a RELX e sua constituinte Elsevier, com um controle cada vez maior sobre a canalização da produção editorial do trabalho acadêmico em seus periódicos e bancos de

dados, têm enorme acesso e controle sobre vastos corpos de conhecimento (estejam eles sob esse controle de forma fechada ou aberta). Isso lhes permite desenvolver produtos analíticos proprietários que se baseiam nesses recursos controláveis. Dois exemplos, dentre muitos, fornecem uma melhor compreensão dessa especificidade.

Em fevereiro de 2022, a RELX adquiriu a Aistemos, uma empresa especializada no uso de inteligência artificial para classificar patentes. A Aistemos usa algoritmos proprietários para mapear patentes a tecnologias. A aquisição, avaliada em aproximadamente US\$ 36 milhões, teve como objetivo aprimorar os recursos analíticos da RELX para propriedade intelectual (PI) indexada nas ferramentas que desenvolve, em particular para a solução LexisNexis PatentSight. Esperava-se que a transação proporcionasse aos clientes uma visão mais ampla da inovação global e do valor estratégico de suas patentes. Assim, contribuindo para uma maior valorização do capital.

Em 2023, a Elsevier Health anunciou uma parceria estratégica com a OpenEvidence, uma empresa especializada em inteligência artificial para medicina. Juntas, elas estão desenvolvendo o ClinicalKey AI, uma ferramenta de apoio à decisão clínica que combina conteúdo médico baseado em evidências com inteligência artificial generativa. O produto será então vendido a clínicas de todo o mundo, ajudando a aumentar os lucros da empresa e a aumentar o preço dos serviços médicos. Embora a contribuição para a criação do conhecimento no qual a ClinicalKey AI se baseia seja coberta, em sua maior parte, por financiamento público para pesquisa médica, ela retorna ao usuário na forma de uma mercadoria.

Embora os investidores tenham inicialmente expressado preocupações sobre o impacto da IA na RELX, a empresa é vista como tendo um potencial de crescimento significativo por meio da IA. Os investimentos em IA e tecnologias relacionadas, incluindo aquisições como a Aistemos, são vistos como uma grande oportunidade de crescimento e melhoria de margem. Em termos de desempenho financeiro geral, a RELX relatou um aumento de 9% na receita para US\$ 10,86 bilhões e um aumento de 15% no lucro operacional ajustado para

US\$ 3,40 bilhões. O preço das ações da RELX atingiu um recorde de US\$ 32,40 no início de 2023 (SANDLE, 2023).

Em ambos os exemplos, a chave é comprar os algoritmos treinados e criados por empresas que funcionam externamente e combiná-los com o fácil acesso da empresa aos inúmeros recursos de conhecimento para desenvolver e ensinar esses algoritmos, fornecidos continuamente pelo trabalho acadêmico em todo o mundo. Nesse contexto, a questão dos novos compartimentos torna-se um tanto problemática e mais dialética.

### **ATÉ QUE PONTO O ACESSO ABERTO PODE SER UMA ALTERNATIVA?**

Narita (2023) sublinha que as transformações contemporâneas do campo da ciência e da educação superior estão realizando uma revelação progressiva do caráter social da produção. Eu diria, no entanto, seguindo Lukács em *História e consciência de classe*, que elas estão realizando isso da mesma forma como a “socialização da sociedade” ocorreu no início do capitalismo – ou seja, o enredamento do capital como uma mediação que expõe o todo social pela primeira vez. Mas existe uma maneira de transformar essa aparente socialização na possibilidade de desenvolver projetos alternativos? Essa alternativa pode ser criada por iniciativas de acesso aberto?

A América Latina, com seu sistema de periódicos de acesso aberto, está certamente na vanguarda do desenvolvimento de infraestrutura de publicação não comercial atualmente. Muitas iniciativas sólidas de acesso aberto também podem ser encontradas na Europa, e as universidades polonesas e suas bibliotecas não são inferiores às suas contrapartes europeias nesse aspecto. Independentemente da escala e da sofisticação dessas iniciativas, no entanto, estamos vendo a progressão de um fenômeno ao qual me referi no livro como “comunismo do capital”, ou seja, uma modulação do acesso aberto que não contradiz o imperativo de valorização do capital. Pelo contrário, contribui para a criação de novas áreas nas quais ele pode se desenvolver sem perturbações e aumentar os lucros.

Por si só, as iniciativas de acesso aberto não podem criar uma alternativa ao capital na ciência e no ensino superior. Para isso, são necessários pelo menos mais dois elementos. Primeiro, o colapso dos sistemas de distribuição de prestígio e as métricas baseadas neles instrumentalizadas pelo capital. Pois foi essa instrumentalização pelo capital que permitiu tanto a sincronização do trabalho acadêmico em escala global quanto a canalização de sua produção em periódicos amplamente controlados pelo oligopólio capitalista da publicação acadêmica. Em segundo lugar, a vinculação do movimento de acesso aberto a um movimento social e trabalhista abertamente antagônico ao capital.

## **ALÉM DO CAPITAL**

Paradoxalmente, *Capital in Higher Education* não é um livro sobre o capital e seu domínio avassalador. É um livro sobre o que precede o capital, sobre as condições de possibilidade para a dominação capitalista do trabalho acadêmico no ensino superior e na ciência, explorando as relações fundamentais que o precedem e, portanto, sobre as condições de possibilidade para o seu fim. De acordo com os determinantes fundamentais do método de Marx, a análise das formas capitalistas de produção deve pressupor sua determinação histórica e, portanto, sua natureza transitória. Assim, como na obra de Marx, uma reflexão sobre o capital é, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o comum. Aí vejo alternativas para o ensino superior e o trabalho acadêmico subsumido ao capital, questão levantada por Narita (2023) em sua resenha.

Deve-se observar que o comum não é apenas um recurso (como os comuns do conhecimento), mas uma prática, um processo e um sujeito. O ensino superior, assim entendido, contém tanto elementos organizados de acordo com sua lógica, que já no “aqui e agora” escapam da dominação do capital, como também é capaz de uma reestruturação de longo alcance. O comum é, portanto, nosso passado, presente e futuro no ensino superior e seus elementos existentes e prefigurados devem ser resgatados e desenvolvidos por nossa pesquisa e prática. Somente dessa forma poderemos ir além do capital.

## REFERÊNCIAS

- ALATAS, Syed Farid. Academic dependency and the global division of labour in the social sciences. **Current Sociology**, v. 51, n. 6, p. 599-613, 2003.
- BEIGEL, Fernanda. Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System. **Current Sociology**, v. 62, n. 5, 617-625, 2014.
- BOWLES, Sameul; GINTIS Herbert. **Schooling in Capitalist America**. Nova York: Basic Books, 1976.
- CLEAVER, Harry. **On Schoolwork and the Struggle Against It**. Canberra: Treason Press, 2006.
- COURTOIS, Aline; O'KEEFE Theresa. Precarity in the ivory cage: Neoliberalism and casualisation of work in the Irish higher education sector. **Journal for Critical Education Policy Studies**, v. 13, n. 1, p. 43-66, 2015.
- GEORGESCU, Iulia. Bringing back the golden days of Bell Labs. **Nature Reviews Physics**, v. 4, n. 2, p. 76-78, 2022.
- GORZ, Andre. **The Immaterial: Knowledge, Value and Capital**. London: Seagull Books, 2010.
- IVANCHEVA, Mariya; GARVEY, Brian. Putting the University to Work: The Subsumption of Academic Labour in UK's Shift to Digital Higher Education. **New Technology, Work and Employment**, v. 37, n. 3, p. 381-397, 2022.
- JACOB, Margaret. **The First Knowledge Economy: Human Capital and the European Economy, 1750–1850**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- LUKÁCS, Georg. **Ontology of Social Being**. Londres: Merlin Press, 1978. (v. 2)
- MARX, Karl. **Capital: A Critique of Political Economy**. Londres: Penguin, 1981. (v. 3)
- MAZZUCATO, Mariana. **The Entrepreneurial State: Debunking Public vs. Private Sector Myths**. Londres: Anthem Press, 2013.
- MCCOWAN, Tristan. Higher education, unbundling, and the end of the university as we know it. **Oxford Review of Education**, v. 43, n. 6, p. 733-748, 2017.
- MEDINA, Leandro Rodriguez. **Centers and peripheries in knowledge production**. Londres: Routledge, 2013.

NARITA, Felipe Ziotti. Contradições em movimento no ensino superior: ciência, trabalho e conhecimento no capitalismo globalizado. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v. 13, n. 2, 2023.

NEARY, Mike. Chain Reaction: Critical Theory Needs Critical Mass: Contradiction; Crisis and the Value-Form. **Social Epistemology Review and Reply Collective**, v. 8, n. 9, p. 31-41, 2019.

NEGRI, Antonio. **The Common**. Cambridge: Polity Press, 2023.

PRESTON, John. **Artificial Intelligence in the Capitalist University: Academic Labour Commodification and Value**. Londres: Routledge, 2022.

ROGGERO, Gigi. **The Production of Living Knowledge**. Philadelphia: Temple University Press, 2011.

SANDLE, Paul. Relx sees AI driving growth as shares hit new high. **Reuters**, Londres, 16 fev. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/autos-transportation/relx-sees-ai-driving-growth-shares-hit-new-high-2023-02-16/>

SCHOTT, Thomas. Ties between center and periphery in the scientific world-system: accumulation of rewards, dominance and self-reliance in the center. **Journal of World-Systems Research**, v. 4, p. 112-144, 1998.

SIMBÜRGER, Elisabeth; NEARY, Mike. Taxi professors: academic labour in Chile, a critical-practical response to the politics of worker identity. **Workplace: A Journal for Academic Labor**, v. 28, 2016.

SOWA, Jan. Un giro inesperado de la ideología: neoliberalismo y el colapso del bloque soviético. **Metapolítica**, v. 17, n. 80, 2013.

SZADKOWSKI, Krystian; KRZESKI, Jakub. In, Against, and Beyond: A Marxist Critique for Higher Education in Crisis. **Social Epistemology**, v. 33, n. 6, p. 463-476, 2019.

SZADKOWSKI, Krystian; KRZESKI, Jakub. Conceptualizing Capitalist Transformations of Universities: Marx's Relevance for Higher Education Research. **Critique**, v. 50, n. 1, p. 185-203, 2022.

SZADKOWSKI, Krystian. **Capital in Higher Education: A Critique of the Political Economy of the Sector**. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2023.

VESSURI, Hebe; GUÉDON, Jean-Claude; CETTO, Ana Maria. Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development. **Current Sociology**, v. 62, n.5, p. 647-665, 2014.

VIRNO, Paolo. **A Grammar of the Multitude**. Los Angeles: Semiotext(e), 2003.

WILLIAMSON, Ben; KOMLJENOVIC, Janja. Investing in imagined digital futures: the techno-financial 'futuring' of edtech investors in higher education. **Critical Studies in Education**, v. 64, n. 3, p. 234-249, 2023.

